

A INTEGRAÇÃO PEDAGÓGICA DE PODCASTS EDUCACIONAIS E O DESENVOLVIMENTO DA ESCUTA ATIVA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO

Fábio Luiz Amorim Souza¹

RESUMO: Este artigo discute a integração pedagógica de podcasts educacionais como estratégia para o desenvolvimento da escuta ativa em aulas de Língua Inglesa no Ensino Médio. O objetivo foi analisar, com base na literatura, de que forma o uso planejado desse gênero digital pode contribuir para a compreensão oral, a autonomia do estudante e a ampliação de práticas de linguagem coerentes com a cultura digital. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, com seleção e análise de obras e estudos que abordam listening como processo, ensino de estratégias metacognitivas, multiletramentos e uso de podcasts na aprendizagem de línguas. Os resultados apontam que os podcasts favorecem a exposição a diferentes vozes, ritmos e variedades do inglês, além de permitirem repetição, pausas e retomadas, aspectos que fortalecem a construção gradual de sentido e reduzem a ansiedade diante da escuta. Evidenciou-se que o avanço do estudante ocorre com maior consistência quando o professor organiza atividades em etapas (pré-escuta, escuta e pós-escuta), orienta o uso de estratégias e adota avaliação formativa centrada no processo. Conclui-se que a tecnologia não garante aprendizagem por si só, mas, quando mediada por planejamento didático, pode tornar a escuta mais significativa, crítica e acessível, contribuindo para uma aprendizagem linguística mais coerente com as demandas contemporâneas da escola.

Palavras-chave: Podcasts Educacionais. Escuta Ativa. Língua Inglesa. Ensino Médio. Multiletramentos.

1 INTRODUÇÃO

A escola de hoje convive, todos os dias, com um tipo de linguagem que não cabe mais só no caderno e no quadro: ela circula em áudio, vídeo, tela, aplicativo, feed e, principalmente, na forma como os estudantes se comunicam fora do espaço escolar. Nesse cenário, o ensino de Língua Inglesa no Ensino Médio passa a lidar com um desafio que é, ao mesmo tempo, pedagógico e cultural: transformar práticas de aprendizagem em experiências que façam sentido para jovens que já vivem imersos em conteúdos digitais e em múltiplas formas de interação. Quando a escola reconhece essa realidade e a traz para o planejamento, ela não “substitui” o ensino tradicional, mas amplia suas possibilidades, criando pontes mais honestas entre o currículo e o cotidiano do estudante (ROJO; MOURA, 2012).

¹Mestre. MUST University.

Entre os recursos que ganharam força nesse contexto, os podcasts educacionais se destacam por algo simples, mas muito potente: eles devolvem valor à escuta. Em tempos de excesso de informação e de consumo rápido de conteúdo, aprender a ouvir com atenção virou uma competência que precisa ser ensinada, acompanhada e amadurecida. O podcast, por ser um gênero digital acessível, flexível e presente nas rotinas juvenis, permite trabalhar a compreensão oral de forma mais próxima da linguagem real, com diferentes sotaques, velocidades de fala e estilos discursivos. Além disso, pode ser usado tanto como material de escuta quanto como produção autoral dos estudantes, o que fortalece autonomia e participação (REIS; GOMES, 2014).

No Ensino Médio, essa discussão ganha ainda mais sentido porque a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta o componente de Língua Inglesa para práticas de linguagem contextualizadas, com foco em usos sociais da língua e no desenvolvimento de competências comunicativas em situações reais. Isso inclui, diretamente, a valorização da oralidade e da compreensão oral como parte da formação integral do estudante, articulada às demandas de cidadania, cultura digital e participação social (BRASIL, 2018). Assim, não basta “ouvir para responder”: é necessário ouvir para compreender, relacionar, inferir, avaliar e construir sentido.

2

É justamente nesse ponto que a escuta ativa entra como eixo pedagógico. Escuta ativa, no contexto escolar, não é apenas prestar atenção: é mobilizar estratégias para acompanhar a fala, identificar ideias centrais, reconhecer pistas linguísticas, confirmar hipóteses e lidar com dificuldades de compreensão sem desistir. Na prática, isso significa ensinar o estudante a perceber como ele escuta, o que o faz perder o fio da conversa e quais caminhos ajudam a retomar o sentido do texto oral. Quando a aula foca somente em perguntas de “certo e errado”, costuma valorizar mais o produto final da compreensão do que o processo de escutar — e esse desequilíbrio limita muito o avanço do aluno (FIELD, 2008).

A literatura de ensino de listening em língua adicional mostra que a compreensão oral melhora quando o estudante aprende estratégias e passa a monitorar o próprio entendimento, desenvolvendo uma postura mais consciente diante do texto oral. Nessa lógica, a escuta ativa se fortalece quando o professor organiza tarefas em etapas (antes, durante e depois da escuta), explicita objetivos, ajuda o aluno a antecipar sentidos e a refletir sobre o que funcionou ou não em sua compreensão. Esse caminho se conecta com a proposta de trabalhar a metacognição e o

“aprender a escutar”, em vez de limitar a aula a exercícios mecânicos (GOH; VANDERGRIFT, 2012).

Os podcasts favorecem esse tipo de trabalho porque permitem repetição, pausas, retomadas e comparação entre diferentes escutas — algo difícil de sustentar quando o professor depende apenas da fala ao vivo ou de materiais muito rígidos. Além disso, o podcast pode ser selecionado de acordo com temas próximos ao universo juvenil, o que aumenta engajamento e cria motivação para perseverar na compreensão. Estudos aplicados no ensino de língua inglesa apontam que o uso pedagógico de podcasts pode contribuir para o desenvolvimento da compreensão oral e para uma percepção mais positiva do processo de aprendizagem, desde que as atividades sejam bem planejadas e não se resumam a “ouvir por ouvir” (BERTO; GREGGIO, 2021).

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que o simples uso da tecnologia não garante aprendizagem. O recurso só vira ferramenta didática quando o professor faz mediação intencional: seleciona materiais adequados, define objetivos linguísticos e discursivos, estrutura tarefas e cria momentos de reflexão. A escuta ativa não nasce do acaso; ela se aprende com orientação, prática e feedback, em um percurso que envolve dificuldades reais (vocabulário desconhecido, velocidade da fala, ansiedade) e também conquistas progressivas. Pesquisas na área de listening mostram que o ensino de estratégias e a organização didática das tarefas são fundamentais para transformar a escuta em competência efetiva (ROST, 2011).

3

Diante disso, este artigo discute a integração pedagógica de podcasts educacionais como possibilidade para fortalecer a escuta ativa em aulas de Língua Inglesa no Ensino Médio, considerando tanto as orientações curriculares quanto os desafios concretos do chão da escola. A intenção é contribuir com uma reflexão aplicada: não apenas defender o uso do podcast, mas compreender quais escolhas didáticas tornam esse recurso realmente formativo, especialmente quando se busca uma aprendizagem mais significativa, crítica e coerente com a cultura digital dos estudantes (REIS; GOMES, 2014; BRASIL, 2018).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Podcasts educacionais como gênero digital e recurso pedagógico

Os podcasts educacionais se consolidaram como um gênero digital que combina acessibilidade, mobilidade e linguagem próxima do cotidiano dos estudantes, o que ajuda a aproximar a aprendizagem de inglês de situações reais de uso da língua. Quando o professor

reconhece o podcast como prática social de comunicação, ele deixa de ser “um áudio a mais” e passa a ser uma ferramenta que organiza experiências de escuta, repertório cultural e interação com diferentes vozes e sotaques. Essa perspectiva dialoga com a ideia de que letramentos contemporâneos não se limitam ao texto escrito, mas se expandem para práticas multimodais, digitais e culturais. (ROJO; MOURA, 2012).

Na escola, o potencial do podcast aparece com força justamente por oferecer uma forma de contato com a língua inglesa que é menos artificial do que muitos materiais tradicionais. O estudante escuta falas mais próximas do fluxo natural, aprende a lidar com pausas, entonação e velocidade, e aos poucos percebe que entender não é “pegar palavra por palavra”, mas construir sentido. Essa mudança de chave é relevante porque a prática escolar, por muito tempo, ensinou listening como produto (acertar respostas) e não como processo (compreender como se escuta). (FIELD, 2008).

Um ponto bem importante é que podcast favorece autonomia: dá para ouvir em diferentes momentos, repetir trechos, comparar episódios e acompanhar uma série com continuidade. Esse formato cria um tipo de estudo mais flexível, em que o aluno regula o próprio ritmo e o professor pode planejar “rotas de escuta” que se conectam ao tema trabalhado em sala. Moura e Carvalho defendem que o podcast amplia a flexibilidade temporal e espacial do estudo, favorecendo uma gestão mais pessoal da aprendizagem. (MOURA; CARVALHO, 2006).

4

No ensino de línguas, o podcast pode ser usado de duas formas principais: como material pronto (o aluno escuta e trabalha estratégias de compreensão) e como produção (o aluno planeja e grava). A produção, quando bem planejada, ajuda a integrar fala, escrita e revisão, porque o estudante precisa organizar ideias, estruturar roteiro e pensar no ouvinte. Gandin e Porto mostram que a produção interativa de podcast pode desenvolver habilidades comunicativas e ainda favorecer posicionamento crítico e letramento digital. (GANDIN; PORTO, 2021).

Quando o professor adota podcasts como parte do currículo, ele também se alinha a uma escola que reconhece a cultura digital como território educativo, e não só como entretenimento. Essa integração não é automática: depende de intenção pedagógica e de escolhas coerentes com objetivos linguísticos e formativos. Reis e Gomes, ao analisarem podcasts no ensino de inglês, reforçam que o uso pedagógico precisa articular prática e reflexão sobre letramento digital, evitando um uso superficial. (REIS; GOMES, 2014).

Outro ganho é que podcasts abrem espaço para trabalhar identidade e diversidade linguística, porque o aluno entra em contato com variações do inglês (diferentes países, registros

e temas). Isso é especialmente valioso no Ensino Médio, em que o estudante já precisa perceber a língua como prática social, conectada a cultura, trabalho, ciência e cidadania. A própria BNCC orienta a oralidade e a compreensão oral no ensino de inglês como parte de práticas de linguagem com sentido e negociação de significados. (BRASIL, 2018).

Também vale dizer que podcasts podem ajudar a reorganizar a aula: o professor pode propor escuta prévia em casa e reservar a sala para debate, tarefas colaborativas e produção — uma lógica em que o tempo presencial vira espaço de construção e não apenas de exposição. A chave é tratar o podcast como gatilho de trabalho linguístico: vocabulário em contexto, inferência, identificação de ideias principais, marcadores discursivos e intenção comunicativa. (ROST, 2011).

Por fim, quando a escola incorpora o podcast com intencionalidade, ela fortalece um tipo de letramento que é muito necessário hoje: o aluno aprende a escutar criticamente, a selecionar fontes, a diferenciar opinião de evidência e a sustentar argumentos com base no que ouviu. Essa é uma formação que ultrapassa o inglês e toca o modo como o estudante se posiciona no mundo conectado. (ROJO; MOURA, 2012).

2.2 Escuta ativa em língua inglesa: fundamentos e dimensões formativas

5

Falar em escuta ativa no ensino de inglês é ir além do “ouvir” como atividade passiva. Escuta ativa envolve atenção, intenção e estratégia: o estudante monitora se está entendendo, ajusta hipóteses, identifica pistas e reconstrói sentido quando se perde. Essa visão é essencial porque a sala de aula, muitas vezes, reduz listening a uma prova de compreensão, o que gera ansiedade e reforça a sensação de “não sirvo para isso”. Field critica justamente a centralidade do acerto e mostra como isso apaga o processo real de escuta. (FIELD, 2008).

A escuta ativa se torna ainda mais relevante quando o material é autêntico ou semi-autêntico, como costuma acontecer em podcasts. Nesse tipo de áudio, o aluno encontra fala mais natural, cortes, risos, hesitações e ritmo variável. Em vez de ser um problema, isso pode ser uma oportunidade didática, desde que o professor ensine o aluno a lidar com a complexidade: antecipar tema, ativar conhecimento prévio, buscar palavras-chave e usar contexto para inferir. (ROST, 2011).

Um caminho muito consistente para desenvolver escuta ativa é trabalhar metacognição: o aluno aprende a planejar como vai escutar, acompanhar a própria compreensão e avaliar o que funcionou. Goh e Vandergrift defendem que o ensino de listening melhora quando o professor

ensina estratégias e ajuda o estudante a perceber como aprende, não apenas “o que entendeu”. (GOH; VANDERGRIFF, 2012).

Isso tem impacto direto na autoestima acadêmica, porque o aluno percebe progresso real: “antes eu travava”, “agora eu entendo a ideia geral”, “agora eu consigo voltar e recuperar o sentido”. Quando esse avanço acontece com podcast, ele ganha uma camada extra: o estudante tem acesso fácil ao material e pode repetir com autonomia, sem a pressão do tempo da sala. Moura e Carvalho destacam o valor do podcast justamente por apoiar estudos fora da aula e favorecer gestão individual das aprendizagens. (MOURA; CARVALHO, 2006).

No Ensino Médio, a escuta ativa também precisa dialogar com finalidades concretas: compreender instruções, acompanhar uma explicação, interpretar uma entrevista, entender um relato, perceber ponto de vista. Quando o podcast entra como gênero, ele traz formatos variados (debate, reportagem, storytelling, aula curta), o que permite ao professor ampliar os tipos de tarefa e desenvolver habilidades que vão além do “fill in the blanks”. (REIS; GOMES, 2014).

A BNCC reforça que a oralidade em língua inglesa envolve tanto compreensão (escuta) quanto produção (fala), articuladas por práticas de linguagem em uso. Isso significa que listening não pode ficar isolado como “momento do áudio”; precisa se conectar a discussão, tomada de posição e produção de sentidos. (BRASIL, 2018).

6

Outra dimensão que fortalece a escuta ativa é o trabalho com pistas discursivas: marcadores de sequência (first, then), contraste (however), exemplificação (for example), conclusão (in short). Quando o aluno aprende a localizar essas pistas, ele para de depender somente de vocabulário isolado e passa a usar estrutura do discurso para compreender. Rost enfatiza como o ensino de listening precisa considerar a construção do sentido em tempo real e a importância de treinar o reconhecimento de padrões do discurso. (ROST, 2011).

Por fim, a escuta ativa se relaciona com formação crítica: o aluno aprende a perguntar “quem fala?”, “com qual intenção?”, “quais evidências aparecem?”, “o que ficou de fora?”. Quando o professor escolhe podcasts com diversidade temática e propõe tarefas de análise, ele aproxima o ensino de inglês de uma educação linguística que forma leitores/ouvintes críticos, algo bem alinhado ao debate contemporâneo sobre multiletramentos. (ROJO; MOURA, 2012).

2.3 Planejamento didático com podcasts: estratégias, mediação e avaliação

Para o podcast realmente desenvolver escuta ativa, o planejamento precisa começar pela pergunta certa: “o que eu quero que o aluno aprenda com essa escuta?”. Essa pergunta protege a

aula de virar só consumo de áudio. Quando o professor define objetivos (ideia principal, inferência, detalhamento, opinião do autor, vocabulário em contexto), ele consegue escolher o episódio, recortar trechos e desenhar tarefas coerentes. (FIELD, 2008).

Uma estrutura didática que funciona muito bem é organizar a atividade em três tempos: pré-escuta, escuta e pós-escuta. Na pré-escuta, o professor ativa conhecimento prévio e trabalha expectativas (título, imagens, palavras-chave). Na escuta, define foco (primeiro entender geral, depois buscar detalhes). Na pós-escuta, transforma compreensão em ação (resumo oral, debate, mapa de ideias, resposta argumentativa). Essa lógica ajuda o aluno a perceber a escuta como processo estratégico. (ROST, 2011).

Com podcasts, é especialmente útil trabalhar em camadas: primeiro o aluno escuta sem interrupção e busca sentido global; depois escuta novamente com tarefas mais específicas; por fim, revisita trechos para analisar linguagem (expressões, conectores, pronúncia, entonação). Essa repetição não é “bater no mesmo”, é treinar o cérebro para captar mais informação a cada rodada, reduzindo ansiedade e aumentando confiança. (GOH; VANDERGRIFF, 2012).

A mediação docente aparece na escolha do material e no tipo de tarefa. Um podcast longo pode ser excelente, mas talvez precise de recorte. Um episódio curto pode render muito se as tarefas forem bem pensadas. Além disso, o professor precisa considerar o nível linguístico e a familiaridade do aluno com o tema, porque escuta ativa depende também de repertório. Reis e Gomes mostram que a integração pedagógica do podcast precisa articular o uso do recurso com práticas de letramento digital, o que inclui seleção, curadoria e reflexão. (REIS; GOMES, 2014).

No Ensino Médio, dá para integrar podcast com projetos: por exemplo, série temática (saúde mental, tecnologia, meio ambiente) e tarefas progressivas. O aluno cria um “diário de escuta” com registro do que entendeu, estratégias usadas e dúvidas recorrentes. Esse tipo de registro fortalece metacognição e torna o progresso visível, o que é central no desenvolvimento da escuta ativa. (GOH; VANDERGRIFF, 2012).

A avaliação, nesse cenário, precisa ser coerente com o objetivo: se o foco é escuta ativa, não faz sentido avaliar só por questões objetivas. É melhor combinar instrumentos: rubricas de participação em debates, sínteses orais, mapas conceituais, registros metacognitivos e tarefas de reconstrução do conteúdo. Field reforça que avaliar apenas o “resultado” da compreensão pode distorcer o ensino e desmotivar o estudante que está em processo de desenvolvimento estratégico. (FIELD, 2008).

Outro caminho interessante é incluir produção de podcast como avaliação integradora. Quando o aluno planeja e grava um episódio curto, ele trabalha linguagem, pronúncia, organização de ideias e colaboração. Gandin e Porto destacam que a produção interativa de podcast pode favorecer oralidade, persuasão e posicionamento crítico, além de fortalecer letramento digital na escola. (GANDIN; PORTO, 2021).

Por fim, é importante reconhecer limites reais: infraestrutura, acesso desigual, ruído de ambiente e tempo pedagógico. Mesmo assim, podcasts continuam sendo um recurso possível porque podem circular em arquivos leves e se adaptar ao que a escola tem. O essencial é não romantizar a tecnologia: o podcast só vira aprendizagem quando a prática é planejada, mediada e avaliada de forma formativa, alinhada às competências de linguagem que se deseja desenvolver. (BRASIL, 2018).

3 METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, com foco na análise de produções acadêmicas e documentos orientadores relacionados a podcasts educacionais, ensino de língua inglesa e desenvolvimento da escuta ativa no Ensino Médio. A pesquisa bibliográfica foi escolhida por permitir reunir, organizar e interpretar contribuições teóricas já consolidadas, possibilitando uma compreensão ampla do tema e dos caminhos pedagógicos sugeridos na literatura. (GIL, 2008).

8

A definição do corpus considerou livros, artigos científicos e documentos oficiais, priorizando materiais com relevância reconhecida na área de ensino de línguas e tecnologias educacionais. Para assegurar consistência, foram selecionadas obras que discutem listening como processo (FIELD, 2008), ensino de escuta com enfoque metacognitivo (GOH; VANDERGRIFT, 2012), fundamentos do ensino de listening (ROST, 2011) e integração do podcast ao ensino de inglês e ao letramento digital (REIS; GOMES, 2014).

Como critérios de inclusão, foram considerados: (a) pertinência direta ao tema (podcasts, ensino de inglês, escuta ativa/listening e práticas pedagógicas); (b) clareza metodológica nos estudos analisados; (c) potencial de aplicação em contexto escolar; e (d) diálogo com documentos educacionais brasileiros, especialmente a BNCC, no eixo de oralidade e compreensão oral em língua inglesa. (BRASIL, 2018).

A etapa de levantamento bibliográfico foi organizada por descritores associados ao tema, como “podcast educacional”, “ensino de língua inglesa”, “compreensão oral”, “escuta ativa” e

“letramento digital”. Em seguida, foi realizada leitura exploratória e seletiva para identificação das obras com maior aderência ao problema investigado, conforme procedimentos recomendados para pesquisas bibliográficas em educação. (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Após a seleção do material, procedeu-se à leitura analítica, com registro de ideias centrais e construção de categorias temáticas para síntese interpretativa. As categorias foram definidas a partir de recorrências encontradas na literatura: potencial pedagógico do podcast, estratégias de escuta ativa, metacognição, mediação docente e avaliação formativa. Esse tipo de organização favorece uma discussão mais profunda e coerente com o objetivo do estudo. (SEVERINO, 2016).

Por fim, os achados foram sistematizados de forma descritivo-analítica, articulando as categorias com contribuições teóricas de autores da área e com orientações curriculares nacionais. Assim, a metodologia buscou garantir rigor na seleção, coerência na análise e fidelidade às bases teóricas, permitindo discutir limites e possibilidades do podcast como recurso para desenvolvimento da escuta ativa no Ensino Médio. (GIL, 2008).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise da literatura indica que podcasts educacionais favorecem o desenvolvimento da escuta ativa porque ampliam a exposição do estudante à língua inglesa em situações comunicativas mais naturais. Isso desloca o foco da “resposta certa” para a construção gradual de sentido, algo central quando se entende listening como processo e não apenas como produto final. (FIELD, 2008).

Os estudos mostram que o podcast permite contato com diferentes ritmos, vozes e registros, contribuindo para que o aluno aprenda a lidar com a variabilidade do inglês real. Essa variabilidade, quando mediada pedagogicamente, fortalece a competência de inferir sentido e de sustentar compreensão global mesmo sem entender todas as palavras. (ROST, 2011).

Um resultado recorrente é que a possibilidade de ouvir novamente o mesmo episódio reduz a ansiedade do aluno e melhora a percepção de progresso. O estudante sente que “avança” porque pode repetir, pausar e retomar, desenvolvendo autonomia e controle sobre a própria aprendizagem, o que tende a fortalecer o engajamento com o listening. (MOURA; CARVALHO, 2006).

A literatura também sugere que o ensino de escuta melhora quando o professor trabalha metacognição de modo explícito. Em vez de apenas “mandar escutar”, o docente ensina o aluno

a planejar, monitorar e avaliar estratégias, o que transforma a escuta em prática consciente e menos frustrante. (GOH; VANDERGRIFF, 2012).

No contexto escolar, a integração do podcast ganha força quando se conecta a temas relevantes para o Ensino Médio, como cultura, ciência, tecnologia e cidadania. A escuta ativa cresce quando o aluno tem interesse real no assunto, pois a motivação influencia atenção e persistência diante de dificuldades linguísticas. (ROST, 2011).

Os achados apontam que tarefas de pré-escuta são decisivas: ativar repertório, antecipar vocabulário-chave e definir um objetivo de escuta torna o estudante mais capaz de sustentar atenção e construir sentido. Isso reforça que o podcast, sozinho, não “ensina”; ele precisa ser inserido em uma sequência didática. (FIELD, 2008).

No plano da BNCC, observa-se convergência entre o uso de podcasts e as orientações para o eixo de oralidade em língua inglesa, pois a Base prevê práticas de compreensão oral e negociação de sentidos em situações de uso. O podcast pode funcionar como material de entrada para essas práticas, desde que o professor proponha tarefas de interação e reflexão. (BRASIL, 2018).

Os estudos brasileiros analisados também reforçam que podcasts podem promover letramento digital quando o aluno não apenas consome, mas aprende a selecionar, avaliar e produzir conteúdos. Isso é coerente com a ideia de multiletramentos, em que a escola precisa formar sujeitos capazes de atuar criticamente em linguagens e mídias diversas. (ROJO; MOURA, 2012).

Reis e Gomes mostram que podcasts, quando usados no ensino de inglês, podem articular aprendizagem linguística e práticas de letramento digital, desde que o trabalho envolva análise do gênero, reflexão sobre uso da tecnologia e atividades contextualizadas. Essa discussão evita o uso superficial do recurso como “moda pedagógica”. (REIS; GOMES, 2014).

Gandin e Porto apontam que a produção interativa de podcasts amplia possibilidades formativas, porque exige planejamento, organização de ideias e atenção ao público-alvo, além de mobilizar habilidades comunicativas. Esse aspecto tem impacto no desenvolvimento de oralidade e pode retroalimentar a escuta ativa, pois o aluno passa a ouvir com olhar de produtor. (GANDIN; PORTO, 2021).

Outro resultado relevante é que o podcast se mostra especialmente útil quando a escola precisa otimizar o tempo didático. Episódios podem ser usados como preparação para debates e

seminários, fazendo com que a sala de aula se torne espaço de construção coletiva, não apenas de transmissão. (MOURA; CARVALHO, 2006).

A literatura sobre podcasting no ensino destaca que a mobilidade do recurso facilita aprendizagens ubíquas, em que o estudante aprende fora do horário escolar, em trajetos e momentos cotidianos. Isso não substitui o professor, mas amplia a presença da língua no cotidiano do aluno, algo valioso em contextos de pouca exposição ao inglês. (MOURA; CARVALHO, 2006).

Ao mesmo tempo, os estudos alertam para limites: desigualdade de acesso, falta de fones, internet instável e ambientes domésticos ruidosos. Esses fatores exigem planejamento inclusivo, com alternativas de acesso (arquivos offline, uso de laboratório, momentos de escuta em sala) e cuidado para não transformar a atividade em exclusão. (BRASIL, 2018).

No campo das estratégias de listening, aparece com frequência a importância de ensinar o aluno a trabalhar com “pistas” do discurso: conectores, repetição de ideias, exemplos e ênfases. Essa aprendizagem melhora a compreensão porque o estudante passa a se orientar pela estrutura do texto oral, não apenas por vocabulário solto. (ROST, 2011).

Os resultados indicam ainda que a avaliação mais coerente com escuta ativa é a formativa, baseada em evidências do processo: registros do aluno, sínteses, participação em discussões e explicitação das estratégias usadas. Quando a avaliação se limita a perguntas objetivas, ela pode punir o aluno que está aprendendo a escutar estrategicamente. (FIELD, 2008).

O uso de diários de escuta e autoavaliações aparece como prática eficaz para tornar a aprendizagem visível e estimular metacognição. O aluno identifica dificuldades recorrentes (velocidade, vocabulário, sotaque) e passa a traçar metas, o que aumenta senso de controle e persistência. (GOH; VANDERGRIFF, 2012).

No plano pedagógico, a literatura defende que podcasts precisam ser curados com critério, considerando nível, tema, duração e objetivo. A curadoria é parte da mediação docente e influencia diretamente a experiência de escuta, evitando que o aluno se sinta perdido e desista. (REIS; GOMES, 2014).

Um achado consistente é que episódios curtos, com tarefas bem orientadas, podem gerar mais aprendizagem do que episódios longos sem mediação. O que determina o valor didático não é o “tamanho do áudio”, mas a qualidade das tarefas e a clareza dos objetivos. (ROST, 2011).

Também se observa que podcasts favorecem a formação crítica quando a escuta é acompanhada de análise de ponto de vista, argumentos e evidências. Isso aproxima o ensino de inglês de uma educação linguística comprometida com leitura de mundo e participação social, alinhada à proposta de multiletramentos. (ROJO; MOURA, 2012).

Por fim, a síntese dos estudos aponta que a integração pedagógica de podcasts tende a ser mais efetiva quando o professor combina consumo e produção, promove metacognição, avalia de forma processual e garante acessibilidade. Nesse conjunto, o podcast deixa de ser um recurso “extra” e se torna caminho potente para consolidar a escuta ativa em língua inglesa no Ensino Médio. (GOH; VANDERGRIFT, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, ficou evidente que podcasts educacionais podem contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da escuta ativa em aulas de língua inglesa no Ensino Médio, especialmente quando são integrados ao planejamento didático com objetivos claros e tarefas bem estruturadas. O principal aprendizado é que a tecnologia, por si só, não garante aprendizagem; o que transforma o podcast em ferramenta pedagógica é a mediação docente e a intencionalidade do uso.

12

Também foi possível compreender que a escuta ativa se fortalece quando o estudante aprende a escutar como processo, com repetição, estratégias e autoconsciência do próprio progresso. Nesse sentido, podcasts se destacam por favorecer autonomia, ampliar o contato com diferentes formas de fala e permitir que o aluno desenvolva mais confiança para enfrentar textos orais complexos.

As contribuições do trabalho se concentram na defesa de uma integração pedagógica que una pré-escuta, escuta e pós-escuta, além de incentivar registros reflexivos e avaliações formativas. Essas escolhas ajudam a tornar a aprendizagem mais justa, porque valorizam o percurso do estudante e não apenas o desempenho imediato em tarefas fechadas.

Como limitação, destaca-se que o estudo se baseou em pesquisa bibliográfica, o que não permite afirmar resultados empíricos específicos de uma turma ou escola. Além disso, a realidade de acesso e infraestrutura pode variar muito entre contextos, exigindo adaptações e alternativas para que o podcast não se torne um fator de exclusão.

Para estudos futuros, recomenda-se desenvolver investigações de campo que comparem diferentes formatos de uso do podcast (consumo, produção e modelos híbridos), bem como

propostas que avaliem estratégias de escuta ativa ao longo de sequências didáticas completas. Também seria importante aprofundar práticas inclusivas de acessibilidade e formas de garantir equidade de acesso ao recurso em realidades escolares diversas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação infantil e ensino fundamental. Brasília, DF: MEC, 2018.

FIELD, John. Listening in the language classroom. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

GANDIN, Hellen Botton; PORTO, Ana Paula Teixeira. Produção interativa de podcast como ferramenta de leitura crítica de língua inglesa para educação básica. *ReTER*, Santa Maria, v. 2, n. 3, 2021.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOH, Christine C. M.; VANDERGRIFT, Larry. Teaching and learning second language listening: metacognition in action. New York: Routledge, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOURA, Adelina Maria Carreiro; CARVALHO, Ana Amélia Amorim. Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula. Braga: Universidade do Minho, 2006.

REIS, Susana Cristina; GOMES, Adilson Fernandes. Podcasts para o ensino de língua inglesa: análise e prática de letramento digital. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 12, n. 3, p. 367-379, 2014.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROSELL-AGUILAR, Fernando. Podcasting for language learning: re-examining the potential. *Computer Assisted Language Learning*, v. 22, n. 5, p. 471-492, 2009.

ROSELL-AGUILAR, Fernando. Podcasting as a language teaching and learning tool. In: CORRADINI, Ermanno; DICKENS, Ann (org.). 10 years of the LLAS elearning symposium: case studies in good practice. Dublin: Research-publishing.net, 2015. p. 31-39.

ROST, Michael. Teaching and researching listening. 2. ed. Harlow: Pearson, 2011.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.